

A CULTURA DO BUMBA-MEU-BOI EM UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA: UM ESTUDO COM FOCO NO LÉXICO DA LIBRAS

Brandon Cardoso Santana¹

Edilla Santos Costa²

Matheus da Silva Lopes³

Oséias de Queiroz Santos⁴

Zuleica de Sousa Barros⁵

Resumo: As línguas de sinais são línguas de modalidade visual-espacial, produzidas, primariamente, pelas mãos e percebidas através da visão. Ao redor do mundo, milhões de pessoas surdas utilizam estas línguas, a fim de estabelecer uma comunicação clara e consistente com seus pares e também com a comunidade ouvinte. Durante anos, negou-se a estes sistemas o caráter linguístico, pois, acreditava-se que fossem somente gestos, que se limitavam a reproduzir a língua oral visualmente. Além disso, esta concepção pregava que essas línguas não seriam capazes de expressar conceitos abstratos, tais como a Filosofia, a Matemática, entre outros. A partir de 1960, com as pesquisas do linguista William Stokoe, esta história mudou; após estudos feitos com a ASL (Língua de Sinais Americana), as línguas de sinais adquiriram status linguístico e foram reconhecidas oficialmente em diversos países. Desde então, pesquisas vêm se desenvolvendo nessa área, enriquecendo o conhecimento que se tem acerca de tal assunto. Tal qual as outras línguas de sinais, há estudos científicos sendo realizados desde a década de 90, conferindo à Libras um nível de objeto de pesquisa, o qual ainda precisa ser explorado. Partindo deste pressuposto, o presente artigo tem o objetivo de apresentar um estudo sociolinguístico da LIBRAS, dando enfoque aos sinais utilizados para representar a tradicional festa do Bumba-meu-boi, na capital do Maranhão. Após fundamentação teórica e pesquisas realizadas com informantes surdos, foi organizado um glossário para efeito de registro destes sinais, que representam não só uma língua de especialidade, mas também um fragmento da história e cultura ludovicense.

Palavras-chave: Bumba-Boi. Cultura. Variação. Libras.

Abstract: Sign languages are visual-space approach, produced by hands and perceived through the vision. Around the world, millions of deaf people use these languages in order to establish clear and consistent communication with their peers and with the listening community. For years, these systems were denied the linguistic character, since it was believed that they were only gestures, which simply reproduced the oral language visually. Moreover, this conception preached that these languages would not be able to express abstract concepts, such as Philosophy, Mathematics, and others. From 1960, with the researches, such as William Stokoe linguistic, this history changed; After studies with ASL (American Sign Language), sign languages have acquired linguistic status and have been officially recognized in many countries. Since then, research has been developing in this área. It's the same with others sign languages, scientific studies have been conducted since the 1990s, giving Brazilian Sign Language a research object. Based on this idea, this study goals to present a Brazilian Sign Language sociolinguistic study, focusing on the signs used to represent the traditional party of Bumba-meu-boi, in Maranhão. After all the theoretical ideas and reasearches have done with deaf informers, a glossary was

¹ Graduando do Curso de Letras-Libras da UFMA. E-mail: brandonjhonatasantana@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras-Libras da UFMA. E-mail: edillascosta@gmail.com

³ Graduando do Curso de Letras-Libras da UFMA. E-mail: mthsilva.ms@gmail.com

⁴ Graduando do Curso de Letras-Libras da UFMA. E-mail: oseiasfranklin@hotmail.com

⁵ Professora Assistente do Departamento de Letras da UFMA. E-mail: zuleicabarros23@gmail.com

created to record these signs, which represent not only a specialty language, but also a São Luís history and culture fragment.

Keywords: Bumba-Boi. Culture. Variation. Brazilian Sign Language.

1 Introdução

O Brasil é um país de muita diversidade: seja na culinária, seja na história, seja na cultura e, até mesmo, nas línguas. Bortoni-Ricardo (2014: 24) afirma, baseada em dados do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) e da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, levantados em 2006, que existem em nosso país cerca de 200 idiomas – englobando línguas indígenas, chamadas de *autóctones* (por volta de 180 línguas), línguas de sinais (no mínimo, duas: LIBRAS e a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor) e línguas trazidas por imigrantes, chamadas de *alóctones* (30 línguas, aproximadamente). Fora isso, o documento cita também as línguas crioulas e “práticas linguísticas diferenciadas nos quilombos” (BRASIL, 2006-2007: 3 *apud* BORTONI-RICARDO, 2014: 24). Além disso, sabemos que, ao longo de toda a extensão territorial do Brasil, há uma variedade de usos destas línguas; especialmente, da língua portuguesa, língua majoritária e única oficial do país.

No entanto, essas variedades nem sempre são reconhecidas ou prestigiadas como tais. Em muitos casos, é possível ver o desprezo social por uma ou outra variedade linguística. Bagno (1961) nomeia esta ação como *preconceito linguístico*, algo que é muito praticado na sociedade brasileira, mesmo (e, talvez, principalmente) por aqueles que se julgam “intelectuais” e “letrados”. Ademais, o autor desmente alguns mitos, tal qual o da “unidade linguística do Brasil”. Sobre isso, Bagno afirma que “este mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do (...) Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística, como se ela fosse (...) a língua comum a todos (...)” (BAGNO, 1961: 26). O autor também menciona que, ao fazer isso, os demais idiomas coabitantes do país, incluindo a LIBRAS, são excluídos.

Por ser uma língua natural (SAUSSURE, 1916), a LIBRAS demonstra variações quanto à realização dos sinais que compõem seu léxico. Labov (1972) descreve a sociolinguística enquanto ciência que se preocupa com a língua no uso social e que, portanto, deve abarcar também as variações linguísticas concernentes a este uso. Estas variações podem

ocorrer por diversos fatores, tais como a escolaridade, a situação socioeconômica e o sexo dos indivíduos (COELHO et al., 2015). Na LIBRAS, estes fatores também são verificáveis, comprovando que, apesar da diferença de modalidade, seu caráter de língua permite análises sociolinguísticas diversas.

Diante destes fatos, este artigo apresenta uma pesquisa sociolinguística na área da Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Para desenvolver tal trabalho, selecionou-se o tema principal: o léxico do Bumba-meu-boi no estado do Maranhão, mais especificamente, em São Luís, capital do estado; dando enfoque ao sotaque de orquestra. Sotaque este conhecido pela mistura de sons e instrumentos musicais, além dos brincantes criteriosamente selecionados: os índios, as índias e os vaqueiros. Aplicamos uma metodologia específica, que nos permitiu a coleta dos dados aqui expostos. Finalizando, os sinais foram fotografados, sendo apresentados pelos autores deste artigo, com o objetivo de preservar a identidade do informante. Logo, o presente trabalho culmina com um pequeno glossário elaborado a partir do resultado obtido, ou seja, a coleta dos sinais.

Esclarecemos, para os devidos fins, que os sinais aqui apresentados e toda a pesquisa, desde sua elaboração até sua aplicação, configuram um recorte da variedade linguística apresentada na Libras; neste caso, especificamente, no estado do Maranhão. Ressaltamos, ainda, que os mesmos sinais que aqui estão registrados podem ser realizados de outras formas em localidades diferentes, visto que a variação linguística também está presente nas línguas de sinais.

2 A Linguística e sua relação com a sociedade

A principal causa da existência do estudo da linguística é a cultura. A partir dela que se formou a linguagem, ou seja, a comunicação, assim, surgindo a língua, que é o objeto de estudo da linguística. Com o crescimento da raça humana houveram divisões de comunidades, dando existência assim a diferentes culturas e línguas. A cultura nada mais é que a forma de pensar de uma comunidade social. Um conjunto de pessoas que partilham valores, língua, território, e normas, ou seja, um comum acordo entre seus membros. Com a língua, houve mudanças no decorrer do tempo, facilitando a comunicação. E isso foi tomando força, e assim ainda é. Cada país, mesmo falando o mesmo idioma, possui diferentes dialetos, isto porque as

comunidades regionais têm sua própria cultura, envolvendo a fala. É então que a linguística executa sua principal função: estudar o porquê dessas diferenças.

Podemos definir cultura como o cuidado de uma comunidade em manter vivos os seus costumes e crenças, cultivando os saberes. A etimologia da palavra cultura que vem do latim "cultura/culturae", que significa cultivar o solo, cuidar, paciência, cumprindo um grande papel dentro da sociedade, assim, compartilhando conhecimentos, como: crenças, costumes, línguas, etc. Isso contribui de forma significativa para os estudos de ciências sociais.

O homem tinha necessidade de interagir com sua espécie, daí a origem da comunicação verbal, que foi uma forma de interação mais eficaz. Assim, surgiu a língua. Para que uma nova língua se forme, são levados em conta diversos fatores que se tornam indispensáveis para que ela se fortaleça, e se desenvolva.

Ao estudarmos sobre a história de uma língua do ponto de vista diacrônico, conhecemos esses fatores que levaram a língua a se formar. O principal é a necessidade de comunicação, envolvendo política, cultura, etc. Como afirmou Saussure em seu Curso de Linguística Geral, ele diz que se é diacrônico não o é senão pela fala. Portanto, deixa claro que não dispensa o estudo histórico da língua, para que se entenda a evolução da mesma. Sobre sincronia, diz que essa se ocupa "das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva." (SAUSSURE, p. 116, 1995)

No entanto a formação de uma língua não depende obviamente apenas da necessidade de comunicação. Para que houvesse o fortalecimento de uma língua, outras tiveram de ser "enfraquecidas", ou seja, a prática do glotocídio⁶. Por mais que um mesmo idioma seja falado em um país, há diversos grupos que criam seus meios de comunicação verbal, e através desta língua, confirma-se que não haverá jamais homogeneidade linguística. Defensores da heterogeneidade linguística afirmam que a língua é o que há de maior valia na cultura de um povo, pois fortalece a política que essa sociedade criou, sendo transmitida por gerações.

Para tanto, pesquisadores percebem que falantes de um mesmo grupo linguístico, apesar de serem utentes da mesma língua, a operam de forma diferente. Isso porque a língua está em constante movimento, como um rio em constante corrente. A língua é viva, ou seja,

⁶ Disseminação de uma nova língua em um espaço, enfraquecendo a natural da área

utilizada de forma efetiva por um determinado grupo de falantes que a cada dia [re]inventam novos termos, palavras, que surgem à medida de suas necessidades. Essa relação de interdependência que a sociedade tem com a língua, é o objeto de estudo da sociolinguística. Segundo Coelho et al. (2015), “sociolinguística é um termo muito amplo, que engloba diferentes formas de olhar para essa relação”.

Para facilitar o entendimento, é importante que tenhamos rudimentos o que Coelho et al. (2015) nos traz do que seja variação, variedade e variante. Já é um fato a existência de múltiplas palavras (ou sinais, para o caso das línguas de sinais) para um mesmo referente. A esse fenômeno damos o nome de variação linguística. Ou seja, como o próprio nome sugere, temos várias possibilidades para falar de uma mesma coisa. Tais possibilidades chamamos de variante. E como supracitado, há alguns fatores que levam a essas variantes, os quais denominamos variável. Para exemplificar e evidenciar a existência do fenômeno de variação, temos o uso dos “nós” e “a gente”, onde as pessoas tendem a escolher uma das possibilidades (variante), uso que pode variar por questões sociais, geográficas, culturais, entre outras (variável).

Nesse sentido, para entendermos o porquê de tantas mudanças e variações dentro da língua, é importante que saibamos que, segundo Coelho et al. (2015), a língua não sofre variações e mutações de forma aleatória ou sem motivo. Existem forças internas e externas à língua que contribuem para tais fatos. É o que os autores chamam de: condicionadores. Eles, “em caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante” (COELHO et al., 2015, p. 20).

Os condicionadores ajudam a averiguar o que leva um falante a escolher determinada variante e não outra. Eles podem apresentar-se como internos (condicionadores linguísticos), ou externos (condicionadores extralinguísticos) à língua. O primeiro, por exemplo, “temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos e etc.” (COELHO et al, 2015, p. 20). Para esclarecer, temos como exemplo as variantes “tu” e “você”, que são possibilidades oferecidas pelo próprio sistema linguístico. Estas, podem apresentar o uso diferenciado por questão de posição geográfica, ou seja, em determinadas partes do Brasil utilizam predominantemente a primeira variante, outros, a segunda, ou até mesmo ambas as variantes disputam uso em uma mesma

região do Brasil. Já para os extralinguísticos, os mais comuns são faixa etária, sexo, e nível de escolaridade.

“A sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e os fatores externos a ela, tanto na ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social.” (COELHO et al., 2015, p. 22).

3 Bumba Meu Boi do Maranhão

A cultura popular retrata características que definem e alinham um grupo, como no bumba-meu-boi, que se constitui por variados sotaques, caracterizando-se assim de forma singular, mostrando suas batidas/entoadas, chamadas de: toadas. O Bumba Meu Boi no Maranhão remete a uma narrativa mítica, que é transmitido como patrimônio de um povo por várias gerações. O bumba meu boi é mais que uma brincadeira popular, faz parte da vida dos maranhenses em épocas cruciais, como nas festas juninas.

A narração contada no bumba meu boi através música, encenação, e dança se passa em uma fazenda em que foi morto o boi mais querido do proprietário (o amo do boi). O empregado, Pai Francisco, conhecido como Nego Chico, foi o cumpridor da morte do boi, motivado pelo forte desejo da sua esposa que estava grávida. Mãe Catirina estava com desejo de comer a língua do boi. Quando se é descoberto o sumiço do boi, o senhor da fazenda fica bravo e investiga entre seus escravos e índios, descobre o autor do crime. Para não ser castigado, e escapar, Nego Chico, caracterizado no mito como um palhaço, deveria trazer o boi de volta. A solução que Nego Chico encontra é convocar padres, curandeiros, e pajés, assim o boi ressuscita e todos festejam para comemorar o milagre, simbolizado pelo batizado do boi.

O “batismo do bumba meu boi” é caracterizado por ser um momento extremamente festivo e religioso, no qual o boi recebe a bênção que se amplia para todos os brincantes do grupo como uma forma de proteção e permissão para a temporada que irá se iniciar, com o objetivo de preparar o boi e o grupo para se apresentar. Além disto, no batismo, a troca do couro do boi é um rito de purificação do novilho, e a partir desse momento o novo bordado poderá ser visto. Por causa do batismo todos os brincantes estarão protegidos para mais um ano de festa e devoção para o padroeiro São João.

“Segundo Teixeira Coelho (1997: 251), o mito é um sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que tende a compor-se em narrativa. Já se torna um esboço de racionalização, uma vez que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos, em ideias. O mito explicita um schème (ou símbolo motor, na expressão de G. Bachelard: aquele que liga não a imagem e o conceito, mas os gestos inconscientes sensório-motriz, as dominantes reflexas e as representações), ou grupo de schèmes, e promove uma narrativa histórica ou lendária, uma doutrina religiosa ou um sistema filosófico. Juremir Machado (2012: 75) definiria essa forma de imaginário como espontâneo, “fruto puro das relações interpessoais, sem mediação maquínica, sem meio, finalidade em si (teatro, poesia oral, ‘causos’, contos, fábulas)”. Em nossa análise, esse imaginário contribui para o sentido de pertencimento e para a construção do laço social nas comunidades de brincantes³, já que não há laço social sem imaginário e, como explica Juremir Machado (2012: 21), “o laço social se atualiza pelos valores partilhados, pelas imagens reverenciadas em conjunto e pelos sentimentos e afetos intensificados pela comunhão”

Os grupos e comunidades que dão vida ao bumba meu boi no Maranhão, se localizam nas zonas rurais e/ou periféricas, e são mantidas por relações de solidariedade tradicionais. Em São Luís, apesar de bumba meu boi está relacionado a dança e a música, não se dança, mas sim, se brinca boi, sendo esse brincar uma atividade levada a sério pelos praticantes, que a colocam no escalão da religiosidade.

As toadas são cânticos que transpassam a brincadeira do boi, mostrando a devoção aos encantados e santos, a julgar por o bumba meu boi girar em torno de santos católicos e entidades das religiões afro-brasileiras. O bumba meu boi além de ser manifestação tradicional e de caráter religioso como foi citado, passou a ser espetáculo de massa. “A gestora e pesquisadora Michol Carvalho (1995: 73) descreve esse processo: (...) o bumba meu boi passa a ser um produto de exportação maranhense. E, na condição de porta-voz, de veículo de difusão do Estado, o bumba precisa tornar-se um espetáculo digno de ser apreciado e aplaudido: bonito, rico, dinâmico para poder despertar o interesse, chamar a atenção e causar sucesso!” 124 ALCEU - n.31 - jul. /dez. 2015.

A partir desses significados por ações políticas e mercadológicas, os brincantes aprendem a gesticular estratégias lhes são convenientes.

4 A variedade de bois no Maranhão

No Maranhão existem mais de cem grupos de Bumba meu boi, com toadas usando os mais diversos instrumentos, como: matracas, zabumbas e pandeirões. As toadas já fazem parte do cotidiano da maioria dos maranhenses, sendo assim muito divulgadas e conhecidas.

Os grupos de Bumba meu boi estabelecem um complexo e vasto conjunto de características artísticas, simbólicas e estéticas. Existe uma variedade de estilos para comemorar a brincadeira, sendo essa uma peculiaridade do bumba boi do Maranhão. Manifestam-se por diferentes motivos, e em lugares diversos. Apesar da ampla diversidade dos grupos de bumba meu boi do Maranhão, há um advento classificatório para reconhecê-los segundo os estilos. Convencionalmente adotaram a denominação “sotaque” para definir um conjunto de grupos que guardam entre si similaridades musicais, regionais e estéticas.

As classificações mais conhecidas dividem-se em cinco sotaques: de Zabumba ou de Guimarães, da Ilha ou de Matraca, da Baixada ou de Pindaré, de Costa-de-mão ou de Cururupu e de Orquestra.

Cada sotaque tem sua história e símbolos, como: ritmo ou instrumento musical, coreografia, um adereço, um personagem ou um modo característico de brincar que resulta a efetivação de tradições e padrões. Participar de um sotaque específico significa preceituar de um repertório simbólico estabelecido construir relações de identidade num universo de múltiplas faces, como o do bumba meu boi do Maranhão.

Dentre os sotaques aqui citados, destacamos aquele ao qual nos detivemos: o sotaque de orquestra. Os grupos de Orquestra são os mais suscetíveis a mudanças, pois são exemplares as seleções das índias, indumentária, e as inovações dos arranjos de suas cabeças, que se diferenciam consideravelmente dos demais sotaques. As índias são escolhidas pela cor da pele, estrutura corporal, e estatura. Albernaz (2004) chama atenção para a o tom da cor da pele mais claro e bronzeado, contando também com a presença de homens vestidos de índios, atraindo o público o feminino.

O Sotaque de orquestra é acompanhado por instrumentos de sopro e sanfona, que para alguns pesquisadores, o ritmo é semelhante ao xote. Típico da região do Rio Munim, no interior do estado, o boi se identifica com a herança deixada pelos portugueses, tendo o mais

diferenciado conjunto de instrumentos. Orquestra tocando a todo vapor. Saxofones, clarinetes, maracás, banjos, e tambor de onça. A toada é embalada por um ritmo lúdico, e cheio de energia. No lombo do boi os desenhos são extremamente elaborados, e ficam localizados nas laterais e frontais. Os brincantes usam na maioria das vezes peitorais de veludo e chapéus triangulares, tudo com muito brilho e cor. Destacam-se os tradicionais grupos: bumba meu boi de Morros, Rosário e Axixá.

Vaqueiros, índias e vaqueiros de cordão são personagens dos Bois de Orquestra, dançam tocando um maracá. O boi de orquestra é conveniente, e muito cabível para os setores públicos, principalmente os setores que atuam com a cultura popular, e deve-se destacar a existência de outras maneiras de brincar o boi no Maranhão em regiões exteriores àquelas onde estão concentradas. Exemplos dessa diversidade são os grupos característicos das regiões do Baixo Parnaíba, dos Cocaís, do Médio Mearim e dos Lençóis Maranhenses, mostrando a multiplicidade de estilos do folgado presentes no Estado. “Sanches explica: Dentro do Maranhão, vamos encontrar uma diversidade que extrapola qualquer categoria. Se convencionou a chamar os grupos de Bumba meu boi a partir de uma categoria chamada sotaque, sendo que tem grupos que extrapolam essa categoria porque ele [o Bumba meu boi] não está preso a uma instituição, a uma regra, ele está preso à criatividade de quem o produz.” (Sanches, 2008)

A variedade de maneiras de brincar o bumba meu boi destaca o poder de adaptação e reprodução desse folgado em que se insere às condições de reprodução que lhes são dadas conforme a região que acontece, sendo uma manifestação coletiva, que possui formas próprias de sociabilidade não só entre os integrantes, mas também com o público.

5 Metodologia

A pesquisa sociolinguística desenvolvida nesse trabalho tomou como parâmetros metodológicos, primeiramente, a abordagem teórica a partir da análise de teorias de autores da área, utilizando estes materiais como embasamento teórico. Em seguida, foi elaborado um questionário, a fim de coletar os dados da pesquisa, sem, no entanto, interferir na naturalidade dos utentes. Logo após, os informantes foram selecionados, com o propósito de fornecer os dados para a pesquisa: nesse caso, os sinais relacionados à festa do Bumba-meu-boi.

Os informantes escolhidos foram do sexo feminino, sendo, por sua vez, surdas congênitas que não oralizam. Logo, pois, utilizam apenas a Língua Brasileira de Sinais como forma de comunicação.

A entrevista foi iniciada com duas perguntas: “Você conhece o Bumba-meu-Boi?” e “O que você mais gosta do Bumba-meu-boi?”; sendo direcionada pelo questionário desenvolvido (segue em apêndices). Os sinais coletados, posteriormente, foram divididos em dois campos semânticos: instrumentos e personagens. Por fim, os sinais foram fotografados, sendo apresentados pelos autores deste artigo, com o objetivo de preservar a identidade do informante.

6 Análise dos resultados

a. Informante I

Os dados obtidos pelo informante I, coletados através de uma entrevista filmada (de carácter espontâneo) direcionada por um questionário de perguntas, remetem as peculiaridades condizentes com a sua idade e nível de escolaridade. Atuando como “Mutuca” no boi, a entrevistada tem participação indireta, onde, apenas observa e o segue. Do sexo feminino, já possui ensino médio completo, mas, por vontade própria, preferiu repeti-lo novamente, sendo assim, cursa o 2º ano do ensino médio e tem 20 anos de idade. A duração total da entrevista foi de 2 horas, segue abaixo a tabela 1 com o total de sinais catalogados.

Tabela I - Léxico de Sinais

QUANTIDADE DE SINAIS	
INFORMANTE I	15 sinais

Analisando os dados obtidos pelo indivíduo, percebeu-se que o mesmo possui um número significativo de sinais, sendo um léxico bem variado/diversificado e um conhecimento de mundo amplo. Tais saberes são resultantes do meio social em que vive, uma vez que, está novamente tendo contato com o ensino médio. O informante não teve dificuldades para se expressar em língua de sinais. A estrutura sintática organizada visualmente foi de forma satisfatória, onde, no início, começou explicando seu conhecimento sobre a lenda do bumba meu boi e, logo em seguinte, explanou os sinais da qual conhecia.

b. Informante II

Através da entrevista feita com a informante II e da filmagem realizada com a mesma é possível notar que a declarante conhece pouco sobre a estrutura da sua Língua materna, a LS. Porém, brincante do boi, a mesma dança de Vaqueiro e também é do sexo feminino. Seu conhecimento quanto ao léxico de sinais é um pouco reduzido, visto que, aprendeu libras e foi a escola em um período muito tardio de sua infância. cursando o 2º segundo ano do E.J.A, sua entrevista durou no total 1 hora e 30 minutos, realizada em dois dias seguintes. Segue abaixo a tabela 2 com o total de sinais obtidos.

Tabela II - Léxico de Sinais

QUANTIDADE DE SINAIS	
INFORMANTE II	15 sinais

A informante, por sua vez, não teve total clareza quanto ao entendimento das perguntas realizadas que lhe foram feitas. O fato do pouco entendimento se dá pelo léxico restrito e pouca fluência na língua de sinais. Quanto a entrevista, a mesma se sentiu pouco envergonhada e explicou de forma bem sucinta o que conhecia sobre o Bumba-Boi. Já com relação ao direcionamento realizado por perguntas, se fazia necessário a realizar de forma detalhada, mas, tendo sempre o cuidado de não expor a resposta do item pretendido.

Nas tabelas III e IV, dividida por dois campos semânticos, instrumentos e personagens, é notório os itens apresentados pelas informantes e a respeito da presença ou não de variação.

Tabela III- Campo Semântico de Instrumentos

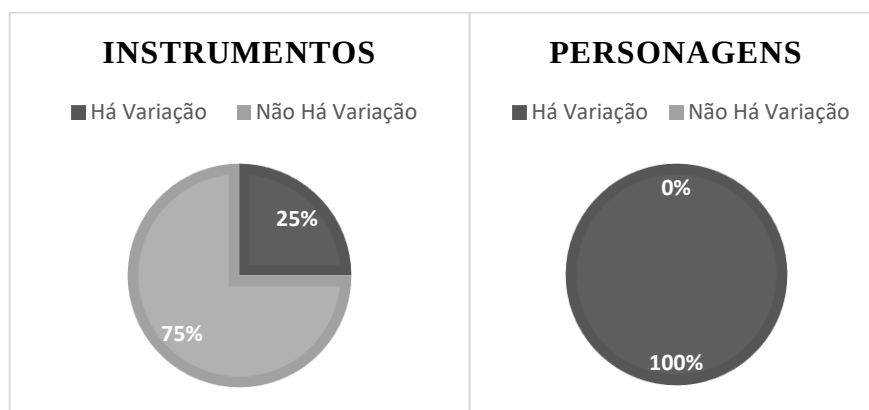
SINAIS APRESENTADOS		
ITENS	INFORMANTE I	INFORMANTE II
Banjo	Não há variação	
Matraca	Não há variação	
Maracá	Não há variação	
Pandeirão	Há variação	
Tambor de fogo	Não há variação	
Triângulo	Há variação	
Trombone	Não há variação	
Trompete	Não há variação	

Tabela IV- Campo Semântico de Personagens

SINAIS APRESENTADOS		
ITENS	INFORMANTE I	INFORMANTE II
Boi	Há variação	
Índio	Há variação	
Índia	Há variação	
Pai Chico	Há variação	
Catirina	Há variação	
Vaqueiro Campeador	Há variação	
Vaqueiro de fitas	Há variação	

Diante dos dados apresentados, é perceptível que as duas informantes conseguiram apresentar os sinais para seus respectivos itens. Os sinais obtidos, no campo semântico instrumentos em há variação dos sinais apresentados por estas, são: pandeirão e triangulo. Já os sinais do campo semântico personagens, todos apresentaram diferentes formas de se representar os itens mostrados pelas entrevistadas. Totalizando 100% de variação no campo semântico personagens; já no quesito instrumento, 25% há variação e 75% onde não há variação dos sinais. Segue abaixo gráfico com percentual de variação apresentados.

Gráfico com Percentual de Variação



Dessa forma, fica claro que o estudo aqui apresentado possui como característica principal a variação, dentro da mesma localidade, social. Nessa perspectiva, Ronald Beline (2006, p, 125) conceitua esse tipo de variação como sendo "as variações que a língua apresenta no nível socioeconômico do falante". As propriedades linguísticas presentes no discurso dos informantes, e até mesmo o léxico dos sinais apresentados, estão associados ao nível de escolaridade de cada um, a faixa etária e o respectivo papel social na qual exerce. Sendo uma

“Vaqueiro” e a outra “Mutuca”, as diferentes visões apontadas pelas informantes sobre o Bumba-Boi, reflete nos sinais que, de forma natural utilizam para se comunicar. Nesse pensamento que não se pode generalizar que, os falantes da Libras, tendem a sinalizar utilizando os mesmos sinais, embora vivessem em uma mesma cidade e/ou região.

7 Considerações finais

Abordamos aqui uma pequena parte da cultura maranhense: o Bumba-meu-boi. Esta é uma das principais atrações do período junino, tal qual mencionado. O sotaque de orquestra apresenta uma riqueza de detalhes capazes de ser expressos em Libras também. Prova disto são os sinais coletados durante nossa pesquisa. Cabe lembrar que o objetivo central do artigo não foi apresentar a história da brincadeira do Bumba-boi, mas, sim, mostrar o léxico da língua de sinais utilizado nesse contexto.

Ao longo deste trabalho, pontos importantes e interessantes foram abordados, principalmente no que diz respeito à variação linguística. Esta variação não ocorre aleatoriamente, ou seja, depende de fatores linguísticos ou extralinguísticos (os condicionadores) que atuarão sobre a língua, ocasionando, o fenômeno mencionado.

A língua de sinais, tal qual a língua natural que é, não é uma exceção à esta regra. Sendo língua, também apresenta variações em seu uso cotidiano, seja formal ou informal. Os mesmos fatores que exercem papel essencial nas línguas orais o desenvolvem nas línguas sinalizadas. Os usuários deste sistema utilizam-no de maneiras diversas, sempre de acordo com a região e a situação em que habita (idade, sexo, *status* socioeconômico...).

Portanto, a variação linguística é um fenômeno absolutamente natural e aceitável, como legitimam Labov (1972), Bagno (1961), Bortoni-Ricardo (2014) e Coelho et al. (2015), entre tantos outros autores. Infelizmente, como relatado no início deste artigo, a variação linguística nem sempre é prestigiada no meio social, uma vez que os “puristas” tendem a menosprezá-la de todas as formas possíveis, caracterizando-a como um “erro que não deve ser cometido”. Apesar de colocadas à margem em muitas situações, as variantes existem e isso é algo inegável. Aqueles que utilizam uma variante, que não a padrão, são tão utentes e conhecedores da língua quanto aqueles que utilizam a variante padrão.

Na Libras, verifica-se o mesmo tipo de equívoco, pois os usuários nem sempre estão aptos a reconhecer a existência de um sinal diferenciado para o mesmo referente. O preconceito linguístico também habita na língua de sinais, logo deve ser estudado mais profundamente, a fim de ser superado (fato que também necessita ocorrer na língua oral).

Finalizando, o recorte aqui exposto caracteriza não só uma língua de especialidade, mas, como citado, uma parte da história e cultura do Maranhão, além de demonstrar uma das formas de uso da Libras neste estado. Muito provavelmente, existem surdos que utilizam outros sinais para os vocábulos aqui listados, o que, obviamente, não faz mal nenhum ao andamento natural da língua enquanto entidade viva; pelo contrário, fortalece tal característica e atesta que, independente da modalidade a qual pertença, a língua tem um propósito social: ela é a principal forma de comunicação. O ser humano necessita da linguagem para o seu desenvolvimento em todas as áreas e isto está acima de qualquer variação e/ou privilégio. Portanto, o fenômeno da variação linguística é parte da entidade viva a qual chamamos de língua e, sendo assim, deve ser respeitada e tratada cientificamente como tal.

Referências

ALMEIDA, Renato. **O Folclore Negro no Brasil**. *Revista Brasileira de Folclore*. Vol. 8. Nº 21. Maio/Agosto 1968.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRITO, L. F. et. al. **Língua Brasileira de Sinais-Libras**. In: _____. (Org.)
BRASIL, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

CARVALHO, Castelar. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES de SOUZA, C. M. N e MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

FELIPE, T. A. **O processo de formação de palavra na Libras**. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006.

LIMA, Carlos de. Boi de Zabumba. **Comissão Maranhense de Folclore**. Boletim nº 5. São Luis, 1996.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

QUADROS, R. M de. **Educação de Surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SANCHES, Abmalena. (2003). **É de fé e devoção o brinquedo da ilha: a religiosidade no bumba-meu-boi**. Boletim n. 26 da Comissão Maranhense de Folclore. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim26.pdf>.

TROBEL, K. L; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez. 1980.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **Corpo, estética e dança popular: situando o bumba-meu-boi**. UFRN, Natal, 2006.

APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DELER
COORDENAÇÃO DE LETRAS/LIBRAS
DISCIPLINA: SOCIOLINGÜÍSTICA E PSICOLINGÜÍSTICA
PROFESSORA: ZULEICA DE SOUSA BARROS**



1. QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

1.1 Grupo pesquisado: Bumba-Meu-Boi

1.2 Justificativa para a escolha do grupo

A pesquisa científica busca investigar os sinais existentes dentro do contexto de uma das danças juninas mais famosas do Estado do Maranhão: O Bumba-Meu-Boi.

1.3 Itens pesquisados:

1- Amó

Pergunta: Qual o sinal do dono da fazenda?

2- Boi

Pergunta: Qual o sinal do animal mais importante, bonito e valioso para o dono da fazenda?

3- Chico

Qual o sinal do personagem que cuidava do boi?

4- **Catirina**

Pergunta: Qual o sinal da mulher que estava grávida e desejou comer a língua do boi?

5- **Vaqueiro**

Pergunta: Qual o sinal da pessoa responsável por encontrar o chico e o boi sumido?

6- **Burrinha**

Pergunta: Qual o sinal do animal pequeno, com um furo no centro por onde entra o brincante, ficando pendurado nos ombros por tiras similares a um *suspensório*?

7- **Tambor de Fogo**

Pergunta: Qual o sinal do instrumento feito de madeira, coberto por um couro cru afinado pelo fogo?

8- **Matraca**

Pergunta: Qual o sinal do instrumento feito de madeira, e é tocada batendo-se uma contra a outra?

9- **Índios**

Pergunta: Qual o sinal do personagem que usa traje com penas coloridas?

10- **Mutuca**

Pergunta: Qual o sinal do grupo de pessoas que só acompanham a brincadeira?

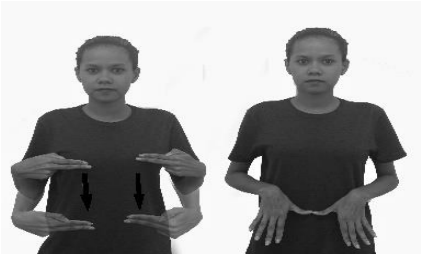
GLOSSÁRIO⁷

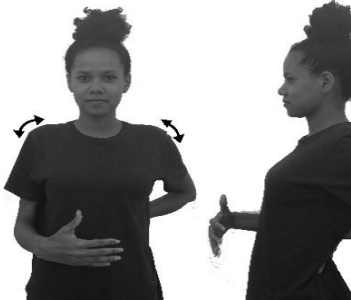
1. INSTRUMENTOS		
ITEM-1	Banjo	Descrição do Sinal
		CM: MD:45, ME: 59 PA: ME: Espaço neutro; MD: Frente ao tronco; OR: ME: Palma para cima; MD: Palma para dentro; M: MD: Movimento retilíneo bidirecional; ME: Parada; ENM: Neutro
ITEM-2	Matraca	Descrição do Sinal
		CM: 56; PA: Frente ao rosto; M: Semicircular para cima e para baixo; OR: Palmas para o lado; ENM: Neutra;
ITEM-3	Maracá	Descrição do Sinal
		CM: 11; PA: Espaço neutro; M: Retilíneo para cima e para baixo; OR: Palmas para o lado; ENM: Neutro
ITEM-4 (Informante I)	Pandeirão	Descrição do Sinal

⁷ O glossário é baseado na tabela de Configurações de mãos de Pimenta e Quadros (2010).

		CM: ME:8, MD:57; PA: Espaço neutro; OR: palmas para o lado; M: Retilíneo ENM: Neutro;
ITEM-4 (Informante II)	Pandeirão	Descrição do Sinal
		CM: MD e ME: 56 PA: ME: Espaço, MD: Palma da mão; OR: palmas para o lado; M: Retilíneo; ENM: Neutro;
ITEM-5	Tambor de Fogo	Descrição do Sinal
		CM: 57; PA: Frente ao corpo; M: Retilíneo para cima e para baixo; OR: Palmas para baixo; ENM: Neutra;
ITEM-6 (Informante I)	Triangulo	Descrição do Sinal
		CM: ME:38, MD:14; PA: Indicador e polegar; OR: Palma para o lado; M: Retilíneo para cima e para baixo; ENM: Neutro;
ITEM-6 (Informante II)	Triangulo	Descrição do Sinal
		CM: MD e ME: 11; PA: Espaço; OR: Palma para o lado; M: Retilíneo para cima e para baixo; ENM: Neutro;
ITEM-7	Trombone	Descrição do Sinal

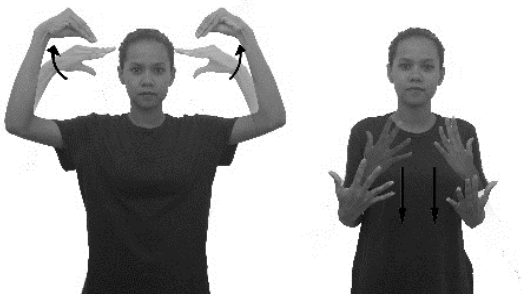
		CM: 8; PA: Frente à boca; M: ME: Sem movimento MD: Retilíneo para frente e para trás; OR: Palma para o lado; ENM: Neutro
ITEM- 8	Trompete	Descrição do Sinal
		CM: MD:8; ME:59; PA: Frente à boca; OR: Palmas para o lado; M: Alternância entre os dedos da mão direita; ENM: Neutro
2. PERSONAGENS		
ITEM-9 Informante I	Boi	Descrição do Sinal
		CM: 4; PA: Fronte; OR: Palma para fora; M: Sem movimento; ENM: Movimentar o corpo para a direita e para a esquerda;
ITEM- 9 Informante II	Boi	Descrição do Sinal
		CM: 4; PA: Fronte; OR: Palma para fora; M: semicircular para cima ENM: Neutro
ITEM- 10 Informante I	Índia	Descrição do Sinal
		Índia CM: 57; PA: ME: Atrás da cabeça MD: Frente à boca; OR: ME: Palmas pra fora MD: Palmas pra dentro; M: MD: retilíneo ME: Sem movimento; ENM: Balançar levemente os ombros para frente e para trás;
ITEM- 10	Índia	Descrição do Sinal

Informante II		
		Mulher CM: 2; PA: Bochecha M: Retilíneo OR: Palma para o lado ENM: Neutra Índio(a) CM: 57; PA: ME: Atrás da cabeça MD: Frente à boca; OR: ME: Palmas pra fora MD: Palmas pra dentro; M: MD: retilíneo ME: Sem movimento; ENM: Neutra;
ITEM- 11 Informante I	Índio	Descrição do Sinal
		Nu CM: 33; PA: Frente ao corpo; OR: Palmas pra dentro; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra; “Saia” CM: 61; PA: Frente à cintura; OR: Palmas pra dentro; M: semicircular; ENM: Neutra;
ITEM- 11 Informante II	Índio	Descrição do Sinal
		Homem CM: 28; PA: Queixo; OR: Palmas para cima; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra Índio(a) CM: 57; PA: ME: Atrás da cabeça MD: Frente à boca; OR: ME: Palmas pra fora MD: Palmas pra dentro; M: MD: Batidas leves na boca; ME: Sem movimento; ENM: Neutra;
ITEM- 12 Informante I	Catirina	Descrição do Sinal

		CM: 58; PA: Frente à barriga; M: Nenhum OR: Palma para dentro; ENM: Movimento leve e repetido para um lado e para o outro;
ITEM- 12 Informante II	Catirina	Descrição do Sinal
		Mulher CM: 2; PA: Bochecha M: Retilíneo OR: Palma para o lado ENM: Neutra Barriga CM: 58; PA: frente à barriga M: semicircular OR: Palma para dentro; ENM: Neutra

ITEM- 13 Informante I	Pai Francisco	Descrição do Sinal
		CM: 56; PA: Rosto; OR: Palmas para dentro; M: Sem movimento; ENM: Neutra CM: 8; PA: Espaço neutro; OR: Palmas para o lado; M: retilíneo para frente; ENM: Neutra
ITEM- 13 Informante II	Pai Francisco	Descrição do Sinal
		CM: 57; PA: Queixo; OR: Palmas para cima; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra CM: 28; PA: Boca; OR: Palmas para fora; M: Sem movimento; ENM: Neutra CM: 56; PA: Bochechas;

		OR: Palmas para o lado; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra
ITEM- 14 Informante I	Vaqueiro Campeador	Descrição do Sinal
		CM: 11; PA: Espaço neutro; M: Retilíneo para cima e para baixo; OR: Palmas para o lado; ENM: Virar o corpo levemente para frente e para trás;

ITEM- 14 Informante II	Vaqueiro Campeador	Descrição do Sinal
		CM: 60; PA: Cabeça; OR: Palma para baixo; M: Nenhum; ENM: Neutra; CM: 11; PA: Espaço neutro; M: Retilíneo para cima e para baixo; OR: Palmas para o lado; ENM: : Virar o corpo levemente para frente e para trás;
ITEM- 15 Informante I	Vaqueiro de Fitas	Descrição do Sinal
		Chapéu CM: 28 26; PA: Próximo à frente; OR: palmas para o lado; M: Semicircular; ENM: Neutra; Fitas CM: 61; PA: Frente ao corpo; OR: Palmas pra dentro; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra
ITEM- 15 Informante II	Vaqueiro de Fitas	Descrição do Sinal

	Chapéu CM: 60; PA: Cabeça; OR: Palma para baixo; M: Nenhum; ENM: Neutra; Fitas CM: 61 26; PA: Frente ao corpo; OR: Palmas pra dentro; M: retilíneo para baixo; ENM: Neutra
---	--

Tabela de Configurações de Mãos de Pimenta e Quadros (2010)

